

— “Meu filho... Esquece o mundo e deixa o homem guerrear em paz!...”

Achei graça no seu paradoxo, porém, só me resta acrescentar:

— “Deixem o mundo em paz com a sua guerra e a sua indiferença!”

Não será minha boca quem vá soprar na trombeta de Josaphat. Cada um guarde aí a sua tença ou o seu preconceito.

23 de Abril de 1935.

A SUAVE COMPENSAÇÃO

Foi Wells que, em uma das suas audaciosas fantasias, descreveu o vale escuro e triste, onde um punhado de homens havia perdido as faculdades visuais. Tudo para eles era a mesma noite uniforme, onde se arrastavam como sombras da vida.

As gerações se haviam sucedido incessantemente, os seculos passaram e aqueles seres apagaram da lembrança as tradições dos antepassados que lhes falavam do estranho poder dos olhos, os quais, em seus organismos, nada mais eram que duas conchas de treva.

O mundo para eles estava circunscrito àquela prisão escura. Os trovões e o vozerio lamentoso dos ventos da tarde significavam para a sua acuidade auditiva as advertencias das bruxas que povoavam o seu deserto e o chilrear dos passarinhos o suave consolo que lhes prodigalizavam os genios carinhosos e alegres.

Eis, porém, que um dia desce ao vale misterioso um homem que vê. Fala aos filhos da treva das grandes maravilhas do mundo, dos tesouros amontoados nos seus imperios, das faiscentes grinaldas de luz dos plenilunios, do entusiasmo colorido das auroras de primavera, de tudo o que as mãos prestigiosas do Senhor puzeram nas paginas imensas do livro da natureza, para o encanto fugitivo dos homens.

Em resposta, contudo, ouve-se no calabouço um clamor de gargalhadas e de apreensões.

O homem da noite examina com as suas mãos o homem do dia e supõe descobrir a origem dos seus disparates, em descrevendo coisas inverosímeis para ele, atribuindo aos seus olhos a causa da sua loucura, concluindo pela necessidade de se lhe arrancarem esses órgãos, incomodos, como excrescencias daninhas.

Essa fantasia é applicavel ao mundo terreno, em se tratando das verdades novas. Eu sei disso porque tambem perambulei entre as furnas sombrias desse vale de treva misteriosa,

onde se reúnem os que tiveram a infelicidade de perder os olhos d'alma, desviando-se do progresso moral.

Envergando a minha camisa pobre na penitenciária do mundo, ri-me dos que me vinham contar as maravilhas deslumbrantes da pátria das almas. E, readquirindo os meus olhos, nos paizes da Morte, onde não cheguei a encontrar as águas tenebrosas do Tartaro e do Styx, venho hoje, como o viajante incompreendido, falar aos que são objeto da ação inibitoria de uma cegueira cruel.

Não acredito na compreensão dos outros, com respeito aos meus argumentos de agora. Um morto nada tem a fazer no mundo daqueles que se presumem os únicos sobreviventes do Universo e preferi, por isso, o retraimento, quando os jornais abriram as suas colunas aos debates em torno das minhas palavras póstumas, recompensa justa ao meu péssimo gosto de voltar à essa prisão nevoenta da Vida.

Cheguei mesmo a ponderar que, na passagem evangelica em que o Senhor não permitiu a caridosa atenção de Lazaro para com a suplica do Rico, não foi com o objetivo de justifica-los na balança do merito e do demerito. Ainda aí, nessa hora de surpresas da lei das compensações, não poderia o Senhor fazer a apologia da indelicadeza. Nem o Rico voltou das labaredas fumegantes da sua consciencia culpa-

da e nem o Pobre do seu banquete de delicias, porque não valeria a pena transpor-se imensuráveis distancias para dizer aos encarnados apenas aquilo que constitue para o seu entendimento uma verdade inacessível.

Muito antes de Hermes Thot, os homens já se curvavam ante os mistérios indevassados da Morte. Todos conhecem as suas realidades terríveis. Alexandre tinha conhecimento de que, sob o seu látego impiedoso, teria de apodrecer, apesar da opulencia de sua gloria, da pompa de suas conquistas, tendo as suas cinzas nobres confundidas talvez com a poeira do ultimo dos miseráveis.

Mas, se ha essa vida, onde predominam a Justiça e o Amor, com o divino característico da eternidade esplendorosa, os homens estão absortos no Lethes, afogados na carne para chorar e esquecer.

Os vivos são os vivos. Os mortos são os mortos. Toda a logica da ciencia humana está nessas frases curtas. Quando, porém, me entregava aos soliloquios do meu espirito, que nunca se considerou como um vencido, ouvi a voz solene dos genios que velam por nós das regiões azuladas para onde se elevam todas as nossas aspirações como fios de rosa e de ouro:

— “Não desanimes, tu que vieste da luta insana na amargurada existencia das provas!

Leva aos teus irmãos que sofrem o lenitivo da tua mensagem!... Dize-lhes da Misericórdia de Deus e da Suprema Justiça que rege os destinos! Se, na Terra, inumeros Espiritos se perdem nos desfiladeiros do orgulho e da impiedade, lembra o microcosmo em que viveste, onde os mais pesados tributos são pagos ao céu, em suplicas e esperanças..."

Energias novas infiltraram-se no meu sêr.

Uma atração incoercível conduziu-me a Sebastianopolis que faiscava. As luzes do dia arrancavam das suas praias uma paisagem fulgurante.

E gritei a todos, do alto do meu deslumbramento:

— "Não me vêem?... Eu estou vivendo sem a tutela de espiritos malignos. Quasi já não sou mais o homem carrancudo e triste, fechado na sua amargura de sofredor. É verdade que não poderei comparecer ás reuniões de Espiritismo, como ás sessões das quintas-feiras na Academia; mas, a morte não aniquilou a minha vida. Penso, luto e soffro, como dantes, crendo, porém, na eternidade luminosa!..."

Ninguém, contudo, me ouvia. Não pude fazer-me sentir nas avenidas ruidosas, regorgitando de transeuntes, parecendo-me, sob a influencia das minhas impressões fisicas, que estava prestes a ser esmagado pelos automoveis de luxo.

Na minha desilusão, porém, ouço uma voz humilde e saltitante:

— "Olhem as mensagens de Além-Tumulo!... Mensagens de Humberto de Campos!..."

Era a figura miúda do vendedor de jornais. Mãos generosas estendiam-lhe os seus niqueis, em troca da minha lembrança.

O seu mercado, nesse dia, foi certamente farto de compensações, porque um sorriso triunfante aflorava em seus labios, enfeitando o seu corpo magrinho.

Bastou a tua alegria, oh! menino amargurado dos Mórros, que és o triste ornamento da Cidade Maravilhosa, para que eu me sentisse compensado de muitas labutas, porque, se os meus companheiros não me compreenderam no patrimonio rico da sua intellectualidade, tu tiveste nesse dia, em memoria do meu humilde nome, um pouco de alegria, de conforto e de pão.

31 de Junho de 1935.